

ANSEIOS SOCIAIS EM UM OLHAR INFANTIL

Leitura de *A bolsa amarela*, de Lygia Bojunga, sobre as expectativas de Raquel.

Aline Reis

Universidade do Estado do Rio de Janeiro / UERJ

O espírito inquieto e apaixonado de Lygia Bojunga, conforme a descreve Nelly Novaes Coelho (2006), é o ponto que nos traz à reflexão desse trabalho. Escritora de títulos que vêm sendo premiados e recebendo distinções de honra, Lygia recebe pelo conjunto da obra o *Prêmio Hans Christian Andersen*, em 1992, pelo IBBY, o *International Board on Books for Young People*.

Excursionou pela esfera teatral e pela televisão, escrevendo textos, traduções, adaptações e representações, mas é no âmbito literário que se instaura definitivamente, escrevendo para pré-adolescentes e adolescentes.

“Tornando-se uma das vozes mais ricas da literatura questionadora de mundo que caracteriza o novo na criação literária, Lygia, em cada livro, enfoca um problema específico da existência humana, através das relações fundamentais que estabelecem entre o eu e o outro.” (COELHO, 2006: 496)

Estreou em 1972 com *Os Colegas* e em 1975 publicou *Angélica*. Um ano mais tarde, em 1976, traz à lume *A bolsa amarela*, uma de suas vinte e duas obras mais lidas, estudadas e comentadas por leitores, educadores e pesquisadores da Literatura brasileira.

Vamos nos ater a essa fertilíssima obra a fim de apresentarmos as questões do feminino a jovens leitores, instigando-os a refletir sobre o poder da escrita como potencializadora do sujeito e, principalmente, sobre ser mulher / menina em uma sociedade falocêntrica. Falaremos dos conceitos iniciais do feminismo com os teóricos Beauvoir (1970), Foucault (1985), Delumeau (2009), que serão nossa base para aprimorarmos nossos estudos nos conceitos de Hollanda (1994), Butler (2010), Chanter (2011), Almeida (2011) e Funck (2011), estudiosas que nos servirão como aparato teórico.

As estudiosas contemporâneas desse contexto é que darão a tônica de nossa pesquisa. Com a luz de seus estudos, percebemos em *A bolsa amarela* a libertação do ser por meio da arte da escrita, no âmbito feminino. Porém, para chegarmos a essa libertação será preciso apontar a maturação da criança Raquel, no decorrer da obra.

Todo o contexto em que vive a menina será analisado com base nas teorias das pesquisadoras das questões do feminino. Não devemos nos esquecer, no entanto, que há outros personagens que merecem atenção não só por interagirem diretamente com Raquel,

mas por fazerem parte de um sistema que completa a noção do espaço marginal a que pertencem.

A ferramenta de efabulação de Lygia é a imaginação, trazendo assim, um texto lúdico-crítico. A obra analisada neste ensaio é demasiado fértil. Ela segue o caminho de uma análise simbólica de seus elementos até as questões do feminino num todo. Aliás, a nosso ver, a obra é tão rica em conteúdos que o olhar atento de um pesquisador, certamente encontrará mais caminhos a explorar, esteja na esfera em que estiver.

É preciso apontar que Lygia inovou seu tempo literário para pré-adolescentes e adolescentes ao inserir a presença humana de uma criança, não mais representada por animais. E essa primeira criança é justamente uma personagem feminina, chamada Raquel.

Salienta-se, desde já, que antes de Lygia, Monteiro Lobato já trazia a lume personagens infantis humanas, mas o escritor não apresentava seus conflitos internos; já Lygia animou-se por praticar essa tarefa a partir de *A bolsa amarela*.

De narrativa leve e simples, representando o mundo infantil, a obra foi merecedora do Selo de Ouro – O Melhor para a Criança de 1976 pela FNLIJ e do Prêmio Internacional Hans Christian Andersen, em 1982, além de traduções para o francês, o espanhol e publicação em Portugal.

A personagem do livro em questão tem dez anos, mora com os pais e três irmãos bem mais velhos que ela. Seu nome é Raquel e possui três vontades que, segundo ela, devem andar dentro de uma bolsa amarela para “ninguém ver”. Suas vontades são: ser menino, crescer e ser escritora. A menina não recebe o apoio da família em muito do que faz, especialmente no que se refere ao ato da escrita.

Raquel tem uma tia cuja condição financeira é muito boa. Periodicamente essa tia doa suas roupas e acessórios para a família da menina. Foi em uma dessas doações que Raquel se deparou com uma bolsa; a bolsa amarela. Nesse acessório feminino, a menina encontrou a solução para esconder suas vontades. Com alguns ajustes, Raquel guarda sua “coleção de nomes”, um alfinete de fralda e um guarda-chuva, além do material escolar, pois a bolsa segue com ela para a escola. Não tardou para que seu imaginário aflorasse e colocasse dois galos como novos moradores do acessório.

Dando vazão a esse imaginário, a trama segue no que é enquadrado por Coelho (2000: 158) como um realismo mágico, em que realidade e imaginário se diluem, embora também possamos perceber um perfil realista humanitário, uma vez que a obra mostra-nos as relações afetivas e sentimentais de Raquel.

Acompanhada de seu imaginário até o final da trama, a menina é levada a perceber suas vontades e flagra-se, enfim, não querendo mais ser menino, nem adulto e, com isso, os nomes e os demais amigos vão-se, cada um, para o destino dado por Raquel. Já a vontade de ser escritora, essa sim, mantém-se latente e decidida.

Acreditamos ser interessante analisarmos algumas características dessa personagem. Quanto às físicas, sabendo que a menina tem apenas dez anos de idade, vale dizer que seu corpo, voz e gestos são de uma infante ainda.

As características psicológicas referem-se à personalidade e seus estados de espírito. Raquel demonstra ser uma menina que, desde tão cedo, tem suas vontades, algumas delas persistentes. Como já mencionado, uma dessas vontades será fiel a ela até o final da trama: a vontade de ser escritora. Outras são esquecidas por ela que, decididamente, resolve fazer pipa delas. Aqui identificamos um tom irônico da autora para demonstrar que tais vontades – ser garoto e adulto – não tinham mais a menor importância para a nossa menina: “- Abri a bolsa amarela e tirei minha vontade de ser garoto e a minha vontade de ser grande. Elas tinham emagrecido tanto que pareciam até de papel”. (2005: 131).

No que tange à classe social de Raquel, pelas doações de sua tia Brunilda, percebemos que é de classe média para baixa, embora esse dado não seja mencionado na narrativa. O que sugere essa inferência é o ato de sua família, em dados momentos, comentar a dificuldade financeira pela qual está passando.

Ideologicamente Raquel pode ser analisada como uma menina que se entrega a essas vontades e acredita sinceramente nelas, principalmente no fato de poder ser escritora, mesmo quando parece, por algum tempo, desistir da ideia.

Sua família atua como antagonista. Seus irmãos, seu pai, sua mãe e até sua tia Brunilda concorrem para a falta de privacidade da menina, que se sente, a todo o momento, incomodada, invadida por seus familiares; que não a deixam viver livremente com suas fantasias, não aceitando sua personalidade.

Há vários extratos interessantes que nos servem de amostra da invasão de privacidade de Raquel. As cartas que escreve a amigos e que são lidas por sua família são exemplo dessa situação. André e Lorelai são “amigos” que nasceram do imaginário de Raquel. Não serão analisados, no momento, uma vez que as cartas que escrevem, na verdade são criadas pela própria menina em busca de companhia para desabafar-se; o que vemos aqui como um momento a ter voz.

Por ser uma menina muito solitária, resolve escrever um romance e é a partir dele que nascem outros amigos imaginários. O primeiro deles é o galo Rei, chamado de galo Afonso

posteriormente, como ele mesmo prefere. O trecho que segue é o momento em que nasce o romance e, com ele, o galo.

“Achei a ideia legal e escrevi um romance. Pequeno. Achei que pra começar era bom fazer um bem pequeno. Era a história de um galo chamado Rei – lindo de morrer – que um dia fica louco pra largar a vida de galo. [...] Pra contar a verdade, ele vivia até um bocado sem jeito de ser chefe de uma família tão esquisita assim. Então ele resolve fugir do galinheiro. Mas aí dá medo de todo mundo ficar contra ele. E então ele passa o romance inteirinho naquela aflição de foge, não foge. Quando chega bem no fim da história, ele resolve o seguinte: se a vida dele era furada, ele tinha mesmo que fugir e pronto. E aí ele foge.” (2005: 22)

Vale ressaltar que o excerto acima nos faz lembrar a própria Raquel, metaforizada pela história do galo. Lembremos que Raquel sente-se fora do espaço familiar e que já teve a ideia de fugir para o quintal de casa.

O galo Afonso, o Alfinete de fralda, a Guarda-Chuva, o galo Terrível e até o Carretel de Linha Forte, que serviu para costurar o pensamento desse galo, serão os personagens secundários da trama. Esses “moradores” da Bolsa farão com que Raquel mergulhe em seu infante imaginário em determinados momentos de sua narrativa, colaborando para que esta se esqueça completamente dos problemas que a circundam. Ademais, cremos que cada um participa de alguns conceitos que as teóricas do feminino abordam em seus estudos.

Há, ainda, alguns personagens da “Casa dos Consertos” que, segundo o amigo imaginário da bolsa de Raquel, o Alfinete de fralda, é um lugar que conserta tudo, inclusive guarda-chuvas. Ao chegar ao local, de imediato observou a estrutura da casa:

“Entrei. A Casa dos Consertos se dividia em quatro partes. Na primeira tinha uma menina assim da minha idade; na outra tinha um homem; na outra, uma mulher, e na outra, um velho. A menina estava estudando, a mulher cozinhando, o homem consertando um relógio, o velho consertando uma panela. (2005: 108)

A menina percebe que todos executam uma tarefa e, seguindo um relógio que toca música ao bater a hora, todos param seus afazeres e começam a dançar e se divertir, até que a música para repentinamente e cada um fica exatamente onde estava enquanto dançava. E cada um parou em posições diferentes das anteriores e deu continuidade ao trabalho que o outro estava fazendo. E tudo isso sem qualquer empecilho.

Essa movimentação deixa Raquel extasiada e muitíssimo curiosa. Para a menina – seguindo o estereótipo que vive em sua casa – cada um tem sua tarefa, a família deve ter um chefe do sexo masculino na tomada de decisões e os homens não cozinham. Exatamente como vivencia em sua casa.

Há um excerto que exemplifica a visão falocêntrica com a qual Raquel foi criada até que começasse a *pensar diferente*, como o título do capítulo em análise nos mostra. Ela conversa com Lorelai, a menina moradora da “Casa dos Consertos”:

“- Quem é que resolve as coisas? quem é o chefe? - Chefe? - É, o chefe da casa. Quem é? Teu pai ou teu avô?” (2005: 113)

Percebemos que Raquel faz uso de seu imaginário para burlar as contradições de sua realidade. O modelo de comportamento familiar que Raquel conhece difere do que a menina vê na “Casa dos Consertos” e, quando toma contato com o novo, gradativamente modifica sua linha de raciocínio a respeito dos adultos, do convívio em família e da vontade de ser menino.

A leitura desse romance a jovens leitores pode abrir uma série de discussões. Por que uma menina haveria de desejar ser menino? Por que acredita que é melhor ser adulta? Por que persiste a vontade de ser escritora? Quanto a seus amigos, por que haveria de ter um galo, por uma criação infante, que luta consigo mesmo para ter uma ideia a batalhar? E o galo cujo pensamento é costurado, doutrinado a não pensar? E o que dizer da consciente subserviência das galinhas? E o democrático funcionamento da “Casa dos Consertos”, de acordo com o imaginário da menina?

Todas essas perguntas têm relação direta com nossa proposta de estudo. Iniciaremos por um brevíssimo panorama do que é ser mulher, desde tempos remotos. É preciso salientar que trabalhar os caminhos e questões do feminino não é tarefa fácil. Muitas vezes, educadoras e pesquisadoras que enveredam para esses conceitos recebem rótulos de feministas quando, na verdade, analisam essas vertentes e os estudos das contemporâneas teóricas do feminino, muitas vezes lançando o olhar ao que é apresentado pela produção literária brasileira.

Esclarecer ao jovem leitor os conceitos do movimento feminista, no entanto, é demasiado interessante para abrir as discussões sobre *A bolsa amarela* e fazê-lo entender melhor esse caminho traçado há menos de meio século.

Pesquisadoras que vieram em tempos *pós-feministas* discutem as controvérsias presentes no discurso do referido movimento; o que acreditamos ser necessário abrir o leque de conhecimentos a esses mesmos jovens, tudo com o intuito de fazê-los refletir sobre o assunto, a situação de ser sujeito e sua relação com o outro.

O lugar da mulher sempre foi restrito na sociedade. Em *História do medo no Ocidente*, Jean Delumeau apresenta uma acusação de longa data: a de que a mulher é um perigoso agente de Satã, nos tempos do anti-judaísmo e da caça às feitiças, na Europa Ocidental, inícios da Idade Moderna. A identificação seria feita não somente por homens da Igreja, mas por juizes leigos. O diagnóstico, segundo ele, é de longa data, “mas foi formulado com uma

malevolência particular (...) por uma época em que a arte, a literatura, a vida da corte e a teologia protestante pareciam levar a certo destaque a mulher”. (2009: 462)

O firme propósito da mulher obediente, submissa ao homem rendeu séculos. A ideia de que deve receber seus proventos sempre menores que os do homem não é nada moderna e advém desse sentimento de inferioridade provocado pela esfera masculina, ditada nos diversos discursos, guardados como registros. Relegada ao último plano, por anos posteriores a mulher manteve-se nesse *status* que não a privilegiava em absolutamente nada.

No que se refere à leitura, por exemplo, esta se torna um grande problema às mulheres dos tempos de outrora. Isto porque, consoante Kate Flint sobre a força da leitura, em *A cultura do romance*, “a leitura tem o poder de nos transportar para outro lugar. E a sua capacidade de deslocamento é dupla: anula de um só golpe nossa identidade cotidiana e sua tranquilidade do *aqui*, e nos conduz a um espaço-tempo novo e inédito.” (2009: 659)

Esse parece ser o óbice. As mulheres saem de seus *caminhos*, tornando-se transviadas. Não que esse seja um pensamento especificamente delas, ao contrário, era imposição de uma sociedade patriarcal, fechada a novidades às mulheres, e bem rígida no que se refere às suas instruções.

Em *A formação da leitura no Brasil*, Marisa Lajolo e Regina Zilberman fazem um traçado dessa esfera, se não podendo ser considerado completo, ao menos demasiado esmiuçado. Com esse trabalho as pesquisadoras fazem-nos entender o porquê de alguns tratamentos dados à mulher. E não se trata aqui de um estudo de sociologia, embora estejamos inclinados a percebê-la correndo em paralelo a nossa pesquisa.

Voltando ao tempo, na Europa da Idade Média havia o hábito de se entregar as crianças a outras famílias e de receber outras crianças que não sejam as suas por parte dos ingleses. E isso em muito tem a ver com o pensamento de ser mais bem servido desta forma do que se estivesse com suas crianças. A família passa a ser o mestre e a principal obrigação da criança é servir bem e devidamente a esse núcleo.

É a partir do século XV que os sentimentos da família passam a mudar, segundo pesquisas de Philippe Áries, em *História Social da Criança e da Família*. Uma das mudanças é o surgimento da escola, que deixa de ser reservada com exclusividade aos clérigos para se tornar um instrumento à iniciação social da passagem do estado infante ao adulto.

As décadas passam e manter os filhos afastados é uma ideia cada vez mais longínqua, relegada ao passado. Mantê-los bem próximos dos pais continua a ser a melhor opção para a educação destes.

Porém, a escolarização não foi imediatamente generalizada. As meninas, por exemplo, fazem parte de uma parcela da população infantil que continuou a ser educada dentro de casa, em casa de um parente ou de uma vizinha. Outras eram enviadas a pequenas escolas ou a conventos, mas esse quadro era muito raro e a extensão da escolaridade às meninas não se difundiria antes do século XVIII, início do século XIX. Porém, observa-se que ainda assim elas estão próximas das vistas de seus pais.

Foi preciso regredir no tempo para compreendermos a caminhada da educação na Europa, começando pelo sentimento de família – a princípio para formar cidadãos para servirem a sociedade e depois, formando homens para fazer crescer e manter a sociedade burguesa em contínua ascensão. No caminhar do tempo surge a escola aberta às crianças, não sendo mais uma instituição específica para clérigos; e nessa tangente a educação não somente tem por base os princípios religiosos como também disciplinas de Humanidades e conceitos latinos. Isso numa visão muito geral do que vimos falando no decorrer de nossa pesquisa.

Retornando da Europa para o Brasil, contemporâneas às mudanças ocorridas do outro lado do Atlântico são as discussões acerca da educação para mulheres, uma vez que uma nova camada emerge, e carecendo de uma educação voltada às prendas domésticas com igual atenção para a educação às crianças. As noções de lar e família devem ser apreendidas e resta à mulher as tarefas que, para ela, tornam-se cada vez mais ascendidas.

Toda essa iniciativa com foco na educação para a mulher repercutirá no trabalho literário. A atividade pública era vedada a elas. Assim sendo, eram obrigadas a ficar em casa. Com isso, o número de obras em prosa aumenta, posto ser de mais fácil leitura e apreensão que os textos em verso, segundo a concepção masculina da época. Surgem tramas prolongadas e mais atraentes como os romances e, os muito difundidos, folhetins. A ênfase está na apreensão dos comportamentos e a personagem feminina é valorizada enquanto protagonista de grandes amores.

Essa nova mentalidade da classe emergente e, de certo modo, essa conquista feminina terá seu preço pago pelas mulheres. Suas leituras são restritas e severamente vigiadas por seus pais, noivos ou maridos.

O novo quadro, tanto europeu como brasileiro, sendo este mais tardio que aquele é advertido à sociedade por meio de peças teatrais, discursos em reuniões cuja presença só é permitida aos homens, também em jornais ou conversas de salões.

Assim sendo, a mulher não tem espaço na sociedade. No século XVII, intolerável era a ideia de igualdade de direitos para a mulher, mesmo no âmbito religioso. O século XVIII, por sua vez, é marcado por intensas revoluções.

“As ideias de liberdade do cidadão frente ao arbítrio do Estado e a consciência de que esta só se constrói com a participação do indivíduo na esfera política se afirmam enquanto princípios da ideologia liberal, que encontram na propriedade privada, sua base material” (ALVES & PITANGUY, 1984: 30)

Ainda no século XVIII, como apontam Alves e Pitanguy, Abigail Adams escreve uma carta ao líder da Guerra da Independência, o seu marido John Quincy Adams, falando sobre a Declaração de Independência dos Estados Unidos – “Todos os homens foram criados iguais”. Ela diz: “Espero que no novo Código de Leis... vocês se lembrem das mulheres... (...) não nos consideraremos obrigadas a cumprir leis, diante das quais não temos nem voz, nem representação” (*apud* Alves & Pitanguy, p. 31)

E recebe como resposta do marido: “Quanto ao seu extraordinário Código de Leis, eu só posso rir. (...) nós somos suficientemente lúcidos para não abrir mão do nosso sistema masculino” (*ibidem*)

As ideias de insubordinação e as mudanças concretas na organização social seriam a base do feminismo, nascente já nesse século. Conforme esclarecem as pesquisadoras Branca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy, “o feminismo não é apenas o movimento organizado, publicamente visível. Revela-se também na esfera doméstica, no trabalho, em todas as esferas em que mulheres buscam recriar as relações interpessoais sob um prisma onde o ‘feminino’ não seja o menos, o desvalorizado” (*ib*: p. 9)

Heloísa Buarque de Hollanda explica que o movimento feminista adquiriu importância nas últimas décadas por ser a expressão de uma “tendência teórica inovadora e de forte potencial crítico e político”, por conta da “ineficácia dos discursos contestatórios da atualidade” (1994, p. 8-9).

Uma vez apresentado um quadro geral da situação da mulher e os ideais do primeiro momento feminista aos jovens leitores, é interessante mostrar-lhes os estudos de teóricas *pós-feministas*, trazendo a reflexão sobre o tema e, com isso, entendendo melhor os questionamentos a respeito da obra de Lygia Bojunga, aqui em pauta.

Para Judith Butler (2010), é necessário que a mulher se torne um sujeito político, pois isso lhe traz visibilidade e legibilidade. Com isso, detém a linguagem, revelando e distorcendo o que vem a ser tido como verdadeiro sobre a categoria das mulheres. Para a pesquisadora, havia a necessidade do desenvolvimento de uma linguagem que fosse capaz de representá-las completa e adequadamente. Indivíduo politizado é indivíduo livre. Lembrando-nos das restrições sofridas pelas mulheres, o espaço político é masculino, não feminino.

Para Foucault os sistemas jurídicos de poder produzem sujeitos regulando suas vidas políticas por meio de limitações, proibições, regulamentações, controles e até mesmo “proteções” dos indivíduos daquela estrutura política, frente a “uma ação contingente e retratável de escolha” (BUTLER, 2010: 18)

Se correta a análise de Foucault, o discurso do sujeito feminista constitui-se pelo próprio sistema político que deveria facilitar sua emancipação. No interior desse sistema reside a formação do sujeito, o que é contraditório ao fundamento político feminista: “A identidade do sujeito feminista não deve ser o fundamento da política feminista, pois a formação do sujeito ocorre no interior de um campo de poder sistematicamente encoberto pela afirmação desse fundamento” (2010: 23)

Quando consigo construir o sujeito, construo uma identidade forte. O sujeito torna-se visível se detém a palavra. Tendo voz o sujeito passa a ser existência. A literatura é o lugar da construção e desconstrução do sujeito. É por isso que Raquel deseja ser escrita: porque deseja torna-se visível, tornar-se sujeito político.

O galo Afonso é a representação dessa ânsia por ser sujeito político. Ele deseja uma ideia para defendê-la. O galo Terrível, cujo pensamento é costurado, é a representação da ausência da fala, também imposta à Raquel por sua família pelo fato de ser criança e “mulher”.

Consoante Dalcastagnè, “o controle do discurso, denunciado pelo filósofo francês [Michel Foucault], é a negação do direito de fala àqueles que não preenchem determinados requisitos sociais: uma censura social velada, que silencia os grupos dominados” (2010: 43)

Se para Foucault o sistema político é um sistema de poder, para Lacan a mulher não é sujeito, porque só quem é sujeito é o falo. A “Casa dos Consertos”, para Raquel, sobrepõe toda sua concepção inicial de um sistema familiar falocêntrico. Em um debate sobre esse sistema apresentado pela “Casa dos Consertos”, o jovem leitor poderá perceber que o sistema patriarcal não precisa estabelecer-se como impositor da ordem.

Apresentar ao jovem leitor que a concepção de gênero, segundo Judith Butler, é uma construção cultural, é mostrar o lado de Raquel que deseja ser menino porque as brincadeiras são melhores, segundo alegações da menina. Isto porque ela recebe crítica dos membros de sua família por gostar de soltar pipas e, segundo eles, é uma brincadeira de meninos.

Enfim, vários podem ser os elementos presentes em *A bolsa amarela*, que poderiam render debates em uma leitura e releitura para / com jovens leitores. O nosso foco foi com base nas mulheres ou naqueles que se encontram à margem do lugar comum; aqui representado também por Raquel, uma criança.

Intencionamos mostrar que em leituras e debates com jovens leitores é preciso desconstruir modelos pré-concebidos pela sociedade, tidos como únicos e verdadeiros. Consoante Tina Chanter a respeito dos argumentos feministas, estes:

“enfocavam a injustiça do fato de as mulheres serem excluídas de algumas atividades centrais, fundamentais para a humanidade, (...) Tais atividades incluíam o direito de assumir um papel ativo na política: o direito à educação; o direito à autodeterminação; o direito à propriedade legal e o direito de transmitir uma herança” (2011: 15)

Conforme concepção de Simone de Beauvoir, o corpo vivo concreto está sempre servindo a uma situação ou está sempre em uma situação. Neste caso, o corpo como situação carrega um número de experiências das quais a mulher não precisaria lidar se o seu corpo fosse tomado como masculino.

Abrindo o campo de discussões a jovens leitores, há que se reforçar que o mundo concebe à mulher tratamentos completamente diversos. Consoante Funck, “ao longo do tempo, você se torna o registro histórico de seus projetos e do que o mundo faz com eles. E o fato de fazer isso como ser humano localizado em um corpo significa que nós mulheres caminhamos pelo mundo com corpos que o mundo assume como femininos.” (2011: 71) É em cima dessa teoria que entendemos a vontade de Raquel em ser menino, o que renderia um debate fertilíssimo a jovens leitores.

Para Freud, segundo leitura de Lacan, a criança aprende gradualmente, e com grande dificuldade, a imagem do eu como inteiro e unificado. Hall entende a formação da identidade assim como Freud. Para ele, “... a identidade é realmente algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento (...) Ela permanece sempre incompleta, está sempre *em processo*, sempre *sendo formada*” (2006: 38-9)

A subjetividade, portanto, é o produto de processos psíquicos inconscientes. A sugestão de Hall é que se perceba a identidade não como algo acabado, mas em constante andamento, sendo assim, uma *identificação*.

É por esse processo de *identificação* pelo qual passa Raquel. Entregando-se ao seu imaginário, percebe que não precisa ter outra identidade – menino ou adulta – para se dedicar ao ato da escrita. O que precisa é tornar-se sujeito, e tenta concretizar a ideia perpetuando sua voz em seus romances.

Citando Michel Foucault e seu “poder disciplinar”, Stuart Hall fala do controle e disciplina a que os sujeitos modernos estariam formatados, mesmo esse poder sendo produto das novas instituições “coletivas”, individualizando ainda mais o sujeito.

Hall indica que o sujeito moderno está em constante busca da “identidade”, procurando recapturar o “prazer fantasiado da plenitude” (2006: 39) É certo que Raquel tenha encontrado satisfação em ser menina e criança, persistindo na vontade de ser escritora, porém sua identidade feminina e de escritora certamente estará em constante processo de criação.

Cinco são os descentramentos do sujeito apontados pelo sociólogo. Vamos nos ater ao quinto descentramento. Ele nos chama a atenção por ter a ver com nosso trabalho: o impacto do feminismo. Segundo Hall este movimento seria o grande marco da modernidade tardia, emergindo durante os anos sessenta, sem consonância com “as revoltas estudantis, os movimentos juvenis contraculturais e antibelicistas, as lutas pelos direitos civis, os movimentos revolucionários do ‘Terceiro Mundo’, os movimentos pela paz e tudo aquilo que está associado com o ‘1968’” (2006: 44)

A direta relação do feminismo com o descentramento do sujeito cartesiano e sociológico, segundo suas pesquisas, é que o referido movimento enfatizou, como questão política e social, o modo como “somos formados e produzidos como sujeitos generificados. Isto é, ele politizou a subjetividade, a identidade e o processo de identificação (como homens – mulheres, pais – mães, filhos – filhas) (HALL, 2006: 45)

Ele completa que o movimento feminista “começou como um movimento dirigido à contestação da *posição* social das mulheres expandiu-se para incluir a *formação* das identidades sexuais e de gênero” (2006: 45-6) O feminismo, enfim, teria questionado a noção de que fazemos parte de uma mesma identidade, a “Humanidade”, em substituição à questão da diferença sexual.

A esse respeito discorre Judith Butler cuja concepção de gênero é de que este é uma organização de corpos que são construídos como masculino e feminino. Não se pensa em sexo sem se pensar em gênero, portanto. A pesquisadora cita Irigaray em concordância com seu entendimento que a oposição binária só pode ser, e sempre será, falocêntrica.

É certo dizer que todo estudo ruma para sua evolução. Não seria diferente com os estudos acerca do gênero e da identidade feminina. Os estudos hodiernos são mais específicos acerca de tudo o que abarca a mulher, sobretudo as especificidades, não somente a questão do gênero. Percebeu-se que as teorias feministas iniciais eram contraditórias e que não seria coerente perpetuá-las.

Os primeiros estudos eram de oposição ao homem. O foco era o sentimento de injustiça de estarem excluídas de algumas atividades centrais como o direito de assumir um papel político de liderança; o direito de representação política; o direito à educação, à autodeterminação, à propriedade legal e de transmitir herança. (CHANTER, 2011: 15)

O que se tentava, então, era estabelecer uma paridade com os homens. Porém, Tina Chanter muito bem observa que há que se ter cuidado quando se define o movimento feminista como aquele que deseja chegar à igualdade.

Levanta-se a questão de quais homens as mulheres desejam ter essa igualdade. Presume-se que os homens sem direitos, oprimidos ou em situações de inferioridade não seriam o alvo dessa desejada paridade. O que fica implícito no discurso é que a luta é pela igualdade com homens privilegiados. Há que se lembrar que o privilégio aqui em pauta só é obtido por quem é de classe média, branco e heterossexual.

Segundo Butler, para Luce Irigaray as mulheres constituem o irrepresentável, uma vez que a linguagem de seu discurso em defesa da igualdade é masculinista, falocêntrica. O próprio discurso da identidade é paradoxal.

A crítica à mulher como cúmplice de sua própria opressão vem de Beauvoir. Se os homens desempenham o papel de opressores é porque as mulheres assim os permitem. A pensadora francesa entende que se somos livres definimos nossos destinos, potencializando nossa liberdade. Do mesmo modo que somos livres e podemos ditar nosso destino, também podemos optar pela renúncia de nossa liberdade. Conforme explanação de Chanter, “às vezes, é menos desafiador tomar o caminho mais fácil, deixando que outra pessoa decida em nosso nome” (2011: 17) Ela completa: “As mulheres têm sido tentadas a permitir que os homens tomem as decisões éticas importantes em seus nomes.” (*ibidem*)

Há que se ter cautela, portanto, ao se adotar conceitos universalistas. Se colocamos a posição masculina como universal, o que privilegia a masculinidade em detrimento da feminilidade, o feminismo corre sério risco de fazer parte de um falso universalismo se não estiver vigilante às diversidades que existem entre as mulheres, em suas abordagens.

Como exemplo, Chanter cita uma coleção dos anos de 1980, intitulada *All the Women are White, all the Blacks are Men, but Some of Us are Brave* (Hull, 1982). No que se refere ao cuidado que se deve ter com denominações universalistas é que as mulheres negras, por exemplo, estariam em dois *fronts* diferentes: raça e gênero.

Destarte, várias frentes devem ser observadas como eixos intrínsecos aos sujeitos. Não é coerente, portanto, que se passe ao jovem leitor que um sujeito experimenta a raça, o gênero, a classe ou a sexualidade como eixos separados em sua experiência. “Cada termo

carrega a bagagem de ter-se tornado um ponto de confluência para a opressão, mas nenhum deles desenvolveu-se isoladamente do outro, e nenhum deles é um conceito transparente” (CHANTER, 2011: 19)

Raquel, por exemplo, se vê desejando ser menino e adulto porque suas experiências como menina e criança são de apagamento de sua identidade, estando sempre à margem. Ela ressurgiu e conseguiu seguir sua vida sem obstáculos, redescobrimo-se quando se entregou ao seu imaginário e, principalmente, quando se permite escrever; quando se permite ter voz.

Os pontos que merecem atenção não param por aí. Heloísa Buarque de Hollanda, por exemplo, sinaliza muito bem o que ela vai dar como título de um estudo seu, *O estranho horizonte da crítica feminista no Brasil* (2003).

Em uma espécie de traçado da linha do tempo ela apresenta como o movimento feminista fixou-se no Brasil. Segundo ela, os estudos sobre a mulher nos países, adquirem importância e atualidade. No Brasil, no entanto, é um pouco diferente, complicado e traz alguma curiosidade.

“... no caso do Brasil, as coisas não se passam com facilidade. Há como que um desconforto, um tipo muito específico de imprecisão quando se formam grupos e núcleos de estudo sobre a mulher. Pode-se perceber, por exemplo, uma enorme dificuldade na auto identificação como feministas, inclusive, por parte das profissionais liberais, intelectuais, artistas ou políticas com livre acesso a espaços públicos e centros de decisão. Esta imprecisão, se não me engano, diz respeito, de forma bastante direta, aos mitos que regem a lógica das relações de gênero entre nós e, de forma mais geral, à especificidade das relações de poder no Brasil” (2003: 16)

O movimento feminista brasileiro surge na década de 1970, em plena ditadura militar. Vincula-se a partidos e associações de esquerda e a setores progressistas da Igreja Católica, um dos focos mais importantes de oposição ao regime.

A aliança com a Igreja dá abertura às mulheres de um amplo campo de militância e resistência política, mas por outro lado, por constrangimento do momento político da época, o feminismo brasileiro definiu como prioridade a defesa dos direitos civis, da liberdade política e da melhoria das condições sociais de vida. As reivindicações específicas dos movimentos feministas internacionais, com os quais as feministas brasileiras pretendiam se identificar, foram postos a último plano.

No que se refere à aliança estabelecida com a Igreja Católica, o feminismo brasileiro precisou lançar mão das questões centrais do feminino, como a liberdade sexual, o direito ao aborto ou mesmo o debate sobre o divórcio, em um momento demasiado importante de autodefinição.

A área financeira, a empresarial, a magistratura, o jornalismo de opinião são áreas que visivelmente as mulheres ganharam notoriedade. A curiosidade maior é que “a escolaridade

das trabalhadoras é mais elevada do que a dos trabalhadores em qualquer das situações analisadas”, segundo observação de Hollanda a uma pesquisa feita pelo PNAD/IBGE. (HOLLANDA *in* “O bug do feminismo”).

Os dados expostos nessa pesquisa servem de ilustração, novamente, em um debate com jovens leitores, no que se refere à atual situação das mulheres, que conquistam com dificuldade o campo de trabalho ainda sob grande discriminação que, segundo observação de Hollanda, “é a de que as mulheres são reconhecidas como homens, mas não como mulheres” (*ibidem*)

É certo, e deve-se reconhecer, que o milênio foi encerrado com missão razoavelmente cumprida no campo das ideias teóricas do feminismo. Só a firmeza com que defendeu o direito de falar e representar-se em qualquer esfera política e intelectual já é um exemplo desse avanço, deixando de citar outros.

Mas mais outro século parece caminhar com mais dúvidas do que respostas. Segundo Heloísa Buarque de Hollanda, há comentários como “A nova mulher é bem sucedida e mal amada” ou “As mulheres não sabem o que fazer com a liberdade que conquistaram”. Tais comentários parecem não se identificar com as vitórias já alcançadas; o que é um sinal de que persistem pequenos problemas, que devem ser revistos a fim de se recuar ao próprio processo que fez do feminismo a grande revolução do século XX.

A conclusão a que se chega é de que definir amplamente os argumentos do grupo feminista, de seu início até tempos modernos, é interessante para ampliar o campo de visão desses jovens ou daquele que se interessar por outros conceitos, conhecendo os rumos de um grupo ainda em ascensão. Eis a importância do labor literário que, silencioso em termos, mostra a ancestralidade de conceitos tão fortemente enraizados, petrificados na cultura da sociedade de determinado grupo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sandra Regina Goulart. *O poder da escrita: gênero, espaço e afeto na literatura contemporânea*. In: GOMES, André Luis (ed.) - Revista Cerrados. *Palavra e poder: representações na literatura de autoria feminina*, n. 31, ano 20, Brasília: Universidade de Brasília, 2011, 296 – 314.
- ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. São Paulo: Brasiliense, 4.ed. 1984.
- ÀRIES, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1978.
- BOJUNGA, Lygia. *A bolsa amarela*. Ilustrações Marie Louise Nery – 33. Ed. – 6ª reimpr. – Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2005.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 3.ed., 2010.
- CHANTER, Tina. *Gênero: conceitos-chave em filosofia*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário Crítico de Literatura Infantil e Juvenil Brasileira*. 5.ed. Ver. Atual. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2006.
- _____. *Literatura Infantil – teoria, análise, didática*. São Paulo: Moderna, 2000.
- DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia Machado Vasconcelos (orgs). *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Horizonte, 2010. PP. 40-64.
- DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente 1300 – 1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- FLINT, Kate. *Livros em viagem – difusão, consumo e romance no século XIX*. In: MORETTI, Franco (org) *A cultura do romance*. Trad. Denise Botmann. São Paulo: Cosac&Naify, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, 6.ed. p. 9 – 49.
- FUNCK, Susana Bornéo. *O que é uma mulher?* In: GOMES, André Luis (ed.) - Revista Cerrados. *Palavra e poder: representações na literatura de autoria feminina*, n. 31, ano 20, Brasília: Universidade de Brasília, 2011, p. 65 – 74.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque de. *Introdução: feminismo em tempos pós-modernos*. In: _____. (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 7 – 19.
- _____. “Sobre relações de gênero. *O bug do feminismo*” atualizado em 14.09.2011 às 7h49min. www.heloisabuarquedehollanda.com.br. Acessado em 09.07.2012, às 17h39min.
- LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. 3.ed. São Paulo: Ática Editora, 2009.